

## A SEMANA – 155

John Gledson

O Rio Grande do Sul era assunto quase inevitável. O conflito federalista chegava a seu clímax. As tropas rebeldes preparavam-se para invadir o estado desde o Uruguai, onde seriam finalmente derrotadas em Campo Osório (26 de junho). Neste momento, havia desacordo do lado governista, entre os mais intransigentes (sobretudo Júlio de Castilhos, o governador legalista do Rio Grande, positivista doutrinário e ferrenho, e uma parte do Partido Republicano Paulista, liderada por Francisco Glicério), e os mais moderados, entre os quais o próprio Presidente, Prudente de Moraes, que intensificava os esforços para encontrar uma paz negociada. As câmaras acabavam de voltar, e lá travava-se o debate sobre o assunto diariamente. A *Gazeta de Notícias*, na pessoa de Ferreira de Araújo, estava do lado dos moderados, como se evidencia nas suas colunas “Cousas políticas” de 6 e 14 de maio, bastante interessantes. Sem dúvida Machado compartilhava mais ou menos essas opiniões, mas na crônica, como é do seu hábito, distancia-se, primeiro pela via geográfica e histórica (Argélia, Cartago). Lança mão do mito, no caso a história do nó górdio, e as duas soluções possíveis – desatar o nó (os moderados, a favor da negociação e da anistia), ou cortá-lo (os intransigentes) – alternativa que comenta agudamente a briga política brasileira.

Sem dúvida a explicação de ter lido o livro do arqueólogo francês não é fictícia: de fato, é bem possível que as duas comissões agrárias, antiga e moderna, romana e francesa, tenham levado Machado a Cartago e à ideia da solução extrema, que certamente não compartilhava, de “cortar o nó górdio”: “Cartago delenda est”. Há outras menções meio enigmáticas a Cartago na sua obra (ver a nota 1), e resta deslindar o que possivelmente signifiquem.

Finalmente, elogia dois autores, Carlos de Laet e Alberto de Oliveira. Aprovaria Laet em parte pelo monarquismo (que não menciona, claro, mas que está implícito no título do livro dele), e Oliveira pelo verso tradicional e sensível (e também pela amizade).

Uma pena não poder consultar a página feminista de “Délia”, que deve ter atraído a simpatia de Machado.



## A SEMANA

19 de maio de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

“Quando visitei a África, em 1891, fui encontrando muitos senadores e deputados, que percorriam aquela região, a fim de averiguar-lhe os recursos e as necessidades. A questão argelina tinha sido novamente levantada nas câmaras; discutira-se muito sem resultado; e, como é de uso, resolveram fazer um inquérito. Os políticos iam assim esclarecer-se no próprio território.”<sup>1</sup>

Não citaria tão longo pedaço de um livro, senão pela utilidade que ele pode ter relativamente aos nossos costumes parlamentares. Entenda-se bem; não abri o livro para conhecer da questão argelina, mas porque o autor, arqueólogo de nomeada, convidava-me a ir ver as ruínas de Cartago. Não faltam guias sagazes para as terras cartaginesas, sem contar Flaubert, com o gênio da ressurreição, nem Virgílio com o da invenção.<sup>2</sup> Assim que, foi só o acaso que me pôs ante os olhos o trecho transcrito. Sabem que não entendo de política, nem de agronomia.

Nem tudo exigirá entre nós exame local; mas casos há em que ele pode ser útil. A questão do sul, por exemplo.

---

<sup>1</sup> Não foi possível identificar este arqueólogo francês. O interesse por Cartago era perfeitamente genuíno, e constitui um aparte curioso no mundo do autor. Por exemplo, Machado tinha na biblioteca o livro de Charles Lallemand, *Tunis et ses environs*, numa edição de 1890. Na crônica de “Bons Dias!” de 27 de fevereiro de 1889 (37), cita algumas palavras macarrônicas em “cartaginês”; e Massinissa, que figura como um dos “medalhões” na sala principal da casa de Matacavalos (cap. 2 de *Dom Casmurro*), fora aliado de Cartago, antes de pactar com os romanos. Há um paralelo histórico entre a história antiga e a moderna, que bem possivelmente inspirasse o raciocínio da crônica, pois depois da vitória na Segunda Guerra Púnica (218-201 a.C.) o senado romano (como os franceses contemporâneos) mandou uma comissão de senadores para ver a cidade, e determinar seu futuro. Um deles em particular, Catão o Velho, ficou tão impressionado com a riqueza da cidade, que achou que a única solução seria destruí-la, senão seria sempre uma ameaça para Roma. Daí em diante, acabava todos os seus discursos com a famosíssima frase “Cartago delenda est” (Cartago tem que ser destruída), o que acabou acontecendo depois da Terceira Guerra Púnica (150-146 a.C.).

<sup>2</sup> Gustave Flaubert (1821-1880) em *Salammbô*, (1862), reconstituição de Cartago no séc. III a.C.; e Virgílio (70-19 a.C.) no livro I da *Eneida*.

A questão do sul é o nosso nó górdio.<sup>3</sup> Há geral acordo em acabar com ele; a divergência está no modo, querendo uns que se desate, outros que se corte. Na câmara dos deputados, aberta há oito dias, não se tem tratado de outra coisa; todos os discursos, ainda os que não querem tocar no sul, acabam nele, ou passam por ele. Não se fala tranquilo, mas ardendo, os apartes fervem, o sussurro cobre a voz dos oradores, não há acordo em suma. Tal qual a questão argelina, nas câmaras francesas.<sup>4</sup>

Que competência tenho eu para aconselhar alvitre? Tanto quanto para fazer caramelos. Contudo, quer-me parecer que, antes de qualquer tentativa de acordo parlamentar, não ficava mal um inquérito. Não digo rigoroso inquérito, pois que este substantivo só se liga àquele adjetivo, nos casos meramente policiais. Uma firma comercial de S. Paulo perdeu esta semana um dos seus sócios, que se retirou deixando saudades e um desfalque. O telégrafo referiu o caso, acrescentando que a polícia abriu inquérito.<sup>5</sup> É a primeira vez, desde que me entendo, que vejo abrir nesses casos um simples inquérito. Tais inquéritos são sempre rigorosos. Formam estas duas palavras o complemento de um verso para a tragédia que houver de pôr em cena algum grave crime:

Crime nefando! Rigoroso inquérito!

Nos casos de ciência ou de política, os inquéritos são simples. Se tal recurso for agora adotado, podem muitos membros do Congresso ir ver as coisas do sul por seus próprios olhos, a fim de recolher informações locais e diretas. Aqui surge uma dificuldade não pequena. Se, depois de tudo visto, observado, comparado, cada um voltar com a sua opinião? Não é improvável este resultado. Geralmente, as lutas políticas são já efeito de opiniões anteriores. Os partidos formam-se pela comunhão das ideias, e duram pela constância das convicções. Se a vista de um fato, a audiência de um discurso, bastassem para mudar as opiniões de uma pessoa, onde estariam os partidos?

---

<sup>3</sup> Górdio foi um rei lendário de Frígia. Durante uma luta civil nesse país, um oráculo disse que um carro lhes traria um rei. Logo apareceu Górdio, camponês, que foi feito rei. Seu carro foi levado à acrópole, em Gordium, onde foi atado a uma coluna com um nó tão intrincado que não se podia desatá-lo. Aí, outro oráculo disse que quem conseguisse desatá-lo reinaria sobre a Ásia. Chegou Alexandre o Grande, tentou várias vezes desfazê-lo, sem sucesso. Acabou cortando-o com a espada. O oráculo parece que aceitou a solução, pois Alexandre, como se sabe, acabou conquistando grande parte da Ásia.

<sup>4</sup> Na câmara dos deputados acirravam-se os debates sobre a possível pacificação do Rio Grande, com acusações mútuas. Os debates continuavam nos jornais, notadamente na *Gazeta*, que apoiava os federalistas e queria anistia, e *O Paiz*, que apoiava incondicionalmente o governo de Júlio de Castilhos. Evidencia-se toda a intransigência a que o cronista se refere. Além de dar notícia dos debates, a *Gazeta* começava às vezes por um prólogo, “Na Câmara”, bastante colorido e nada imparcial. É possível que a “questão argelina” interessasse mais a Machado do que diz, pois tratava-se da exploração do país pelos “grands colons” europeus, e da imposição de um sistema político, cultural e agrônomo à população indígena muçulmana, que tinha poucos defensores, entre eles Georges Clemenceau e Jean Jaurès.

<sup>5</sup> Este telegrama de S. Paulo apareceu no *Jornal do Commercio*, no dia 16 de maio, na primeira página, primeira coluna. Diz: “Desapareceu aqui Roberto Figueiredo, sócio da firma Prado Figueiredo e Cia. Consta que deixou um desfalque de perto de setenta contos. A polícia abriu inquérito e está em seu encaixo.”

Há pessoas que se despersuadem com muito pouco, e mudam de acampamento, mas é com o direito implícito de tornar ao primeiro, ou ir a outro, logo que as despersuadam da ideia nova. São casos raros de filosofia. O geral é persistir. Dai<sup>6</sup> às pedras de uma muralha a faculdade de trocar de atitude, e não tereis já muralha, mas um acervo de fragmentos.

Se alguma beleza há no que acabo de dizer, é o senso comum que lha dá. São truísmos, são velhas banalidades. Renan<sup>7</sup> defendeu a banalidade com tal graça, que eu, apesar de ter opinião adversa, acabei crendo nela e pu-la na minha ladainha: Santa Banalidade, *ora pro nobis*.<sup>8</sup> Talvez Renan quisesse debicar-me; os grandes escritores têm dessas tentações ínfimas, mas é preciso que não sejam pedras de muralhas. E daí pode ser que as próprias pedras debiquem os homens...

As pedras valem também como ruínas. Possuo um pedacinho de muro antigo de Roma, que me trouxe um dos nossos homens de fino espírito e provado talento.<sup>9</sup> Quando há muita agitação em volta de mim, vou à gaveta onde tenho um repositório de curiosidades, e pego deste pedaço de ruína; é a minha paz e a minha alegria. Orgulhoso por ter um pedaço de Roma na gaveta, digo-lhe: Cascalho velho, dá-me notícias das tuas facções antigas. Ao que ele responde que houve efetivamente grandes lutas, mais ou menos renhidas, mas acabaram há muitos anos. Os próprios pássaros que voavam então sobre elas, sem medo, ou por não estar inventada a pólvora, ou por qualquer outra causa, esses mesmos acabaram. Vieram outros pássaros, mas filhos e netos dos primeiros. Nunca dirá que entre os pardais que tem visto, nenhum fosse o próprio pardalzinho de Lésbia... E cita logo uns versos de Catulo.<sup>10</sup>

– Latinidade! exclamo; é com o nosso Carlos de Laet.<sup>11</sup> Onde estará ele?

– *Em Minas*, respondeu-me hoje o editor de um livro cheio de boa linguagem, de boa lição, de boa vontade, e também de coisas velhas contadas a gente nova, e coisas novas contadas a gente velha. Compreendi que este *Em Minas* era antes o nome do livro de Laet, que a indicação do lugar em que ele estava. Não sendo novidade, porque

---

<sup>6</sup> Aurélio tem “Daí”, que pode ser simples erro tipográfico. Em todo caso, o sentido pede “dai”. A letra (em final da linha) está bastante apagada, mas não pode ser “d’ahi”, que é como se escrevia (como se vê no próximo parágrafo). Sem dúvida é “dae”.

<sup>7</sup> No jornal está “Rénan”, aqui e mais abaixo. É um erro comum, certamente não do cronista, já presente na crônica de 9 de outubro de 1892.

<sup>8</sup> Em carta a Carlos Magalhães de Azeredo, de 14 de janeiro de 1894, Machado aconselha que o jovem escritor se meta ao trabalho: “Conselho banal, mas o Renan diz que verdades banais são as eternas (...)”. Apesar desta pista, não encontrei esta opinião nas obras de Renan.

<sup>9</sup> Não sei identificar este amigo.

<sup>10</sup> O conhecido poema 2 do poeta romano Catulo (Gaius Valerius Catullus) (c.84-c.54 a.C.), endereçado ao pardal com que brinca sua amada, e em cujo lugar ele queria estar. Machado possuía um volume francês com traduções de Catullus, de Propertius e de Tibullus (v. nota 15).

<sup>11</sup> Carlos Maximiliano Pimenta de Laet (1847-1927), jornalista, polemista, católico e abertamente monarquista, admirado por Machado, que, porém, nunca privou com ele. *Em Minas*, publicado em 1894, fora escrito no exílio no interior do país durante o regime florianista. No dia 4 de junho de 1895 há na primeira página da *Gazeta* uma resenha elogiosa do livro, que dá uma boa ideia do seu conteúdo.

acabava de o ler, e trazia na memória a erudição e a graça do ilustre escritor, não disse mais nada ao meu torrão de muro romano; ele, porém, quis saber que tinha esse homem com a cidade antiga, e eu respondi que muito, e li-lhe então uma página do livro.

– Com efeito, disse o meu pedaço de muro, a língua que ele escreve, com pouca corrupção, creio que é latina.<sup>12</sup> Há Catulos também por esta terra?

– A ternura é a nossa corda, e o entusiasmo também. Ambos esses dotes possui este poeta,<sup>13</sup> Alberto de Oliveira, segundo nos diz o mestre introdutor Araripe Júnior, do recente livro *Versos e Rimas*.<sup>14</sup> Título simples, mas não te fies em títulos simples; são inventados para guardar versos deleitosos. Há aqui desses que te fartarão por horas; lê a *Extrema Verba, Num telhado, Metempsicose, O muro, Teoria do Orvalho*, lê o mais. Esse moço sente e gosta de dizer como sente. Canta o eterno feminino.

– Não conheço a expressão.

– É moderna; invenção do homem, naturalmente, mas uma mulher vingou-se, há dias – mulher ou pseudônimo de mulher – Délia... Não é a Délia de Tibulo, Délia apenas, que escreveu uma página na *Notícia* de sexta-feira, onde diz com certa graça que o mal do mundo vem do “eterno masculino”.<sup>15</sup>



---

<sup>12</sup> Descrição da língua portuguesa no famoso verso de *Os Lusíadas*, I, 33.

<sup>13</sup> A *Gazeta*, por engano, tem ponto final. Aurélio corrige.

<sup>14</sup> Alberto de Oliveira (1857-1937), poeta parnasiano, entre os escritores das novas gerações com quem mais simpatizava. Mencionou-o em “A nova geração” (1879), e prefaciara o seu segundo volume de poemas, *Meridionais*, em 1884. Para Araripe Júnior, ver crônica de 2 de dezembro de 1894, nota 2.

<sup>15</sup> Délia, uma mulher casada, foi a amante do poeta romano Tibulo (Albius Tibullus) (c.55-19 a.C), que aparece no seu primeiro livro de poesia. Maria Benedita Bormann (1853-1895), a escritora que se serviu deste pseudônimo, casada com seu tio, morreu em julho deste ano de 1895. Ela publicou em vários jornais, narrativas curtas, como contos, e também romances, que depois foram publicados em forma de livro. Publicou sete romances ao todo, entre 1881 e 1894. Suas personagens eram extremamente cientes, e críticas, da opressão masculina sobre as mulheres, o que incomodou sobremaneira a maioria dos críticos, como Araripe Júnior, que um dia a acusou de ter “arroubos à la George Sand”. A ousadia de alguns destes romances atraiu acusações de “erotomania”, e de ser uma versão feminina do infame Zola. Infelizmente, o exemplar de *A Notícia* do dia 17 de maio não existe no *site* da Biblioteca Nacional, cuja coleção só começa em julho, mas existe pouco lugar a dúvidas sobre o que ela devia pensar do “eterno masculino”. Agradecemos muito à profa. Constância Lima Duarte, que além de nos fornecer a pista desta identificação, também nos deu outras informações preciosas.